RUMO AO SUL: EMIGRANTES PORTUGUESES NO SUL DO BRASIL

Maria Xavier Villas Bôas
Beatriz Padilla

1. INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de um projecto mais amplo de investigação (no âmbito do Programa Lusitânia: FCT – GRICES Instituto Camões) desenvolvido no CIES/ISCTE[1] sobre a presença portuguesa na região platina. O Sul do Brasil, parte integrante desta região, abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul[2].

A emigração portuguesa não é novidade no panorama das ciências sociais, muito menos para o Brasil, objecto de investigação amplamente explorado por estudiosos portugueses, brasileiros e não só. A novidade está no foco sobre a região platina e, em particular, na região sul do Brasil, cuja insignificância para os estudiosos pode ser explicada, antes de mais, pelo fluxo reduzido para a região e pelo número, ainda hoje, pouco expressivo de portugueses ali residentes. O último censo, de 2000, indicava que, do total de portugueses no Brasil, apenas 8% estavam no Sul[3].

Para esta "invisibilidade"[4] contribuíram factores de ordem histórica e simbólica, como: 1) com a independência, a necessidade de construção de uma identidade nacional impregnada pela ideologia do branqueamento. Entre as elites prevalecia o valor da raça ariana e a crença na superioridade branca. Os portugueses não foram, neste sentido, valorizados. O início do século XX, no contexto pós independência, chega mesmo a registar vagas de nacionalismo anti-

lusitano incluindo alguns movimentos lusofóbicos[5]; 2) a emigração portuguesa ocorreu, na grande maioria, de forma independente e não organizada, quer pelo estado brasileiro, pelas companhias transatlânticas ou mesmo pelos proprietários das explorações de café. Definia-se como maioritariamente urbana e dispersa[6]; 3) a presença de outros grupos na região (italianos, alemães e açorianos), cuja herança foi valorizada em detrimento da portuguesa, conforme pudemos confirmar em campo; 4) e a própria língua, elemento de continuidade que facilitou a inserção do imigrante português na sociedade brasileira e uma menor dependência das redes.

Este artigo pretende dar visibilidade aos portugueses do Sul do Brasil, contribuindo para o conhecimento sobre razões de saída, escolhas do destino, inserções e percursos, sem esquecer o lado íntimo da imigração, também explorado por nós em campo, e que toca a sentimentos de pertença ou distinção, típicos da circunstância migratória. Propomos, consoante as vagas, três perfis de emigrante no sul do Brasil. Estes perfis, construídos com base empírica (com entrevistas a imigrantes que chegaram a partir de 1950), dizem respeito à emigração para o Brasil desde a segunda metade do século XX.

O artigo começa com uma breve caracterização dos fluxos de emigração portuguesa para o Brasil, destino que desde sempre fez parte do «campo de possibilidades»[7] dos portugueses, com mais ou menos intensidade no espaço e no tempo. Por uma combinação de factores económicos, políticos, sociais e culturais, em Portugal partia-se para o Brasil. A seguir, passamos pelas políticas brasileiras de imigração, procurando a relação entre elas enquanto factor de sedução mais que de inibição para os portugueses (ao nível micro, constatámos, em campo, como os portugueses não precisaram abdicar da sua nacionalidade de origem para serem cidadãos de direito). Depois entramos no objecto propriamente dito, com depoimentos do trabalho empírico e apresentado da seguinte forma: primeiro, a distinção de vagas tipo que estão na base dos perfis tipo, apresentados logo a seguir, incluindo, para cada caso, uma história de vida e notas sobre as identidades que se reconstruíram no destino. Depois, através das inserções à chegada, destacaremos a centralidade das redes sociais neste trânsito específico para o Sul do Brasil.

A metodologia baseia-se em trabalho de campo desenvolvido no terreno em duas etapas: Fevereiro de 2005 e 2006. Foram feitas entrevistas às associações de imigrantes e organizações culturais em Porto Alegre e Florianópolis (nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e entrevistas em profundidade (histórias de vida) a imigrantes portugueses na região, num total de 22 casos. O trabalho foi complementado ainda com entrevistas a informantes privilegiados, incluindo representantes governamentais, profissionais e técnicos da área e estudiosos da imigração.

2. EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL E AS POLÍTICAS BRASILEIRAS DE IMIGRAÇÃO

A emigração portuguesa para o Brasil tem a sua marca na história de Portugal. Em geral, pode-se afirmar que apresenta duas características singulares se comparada com os outros grupos de imigrantes nesse país: a regularidade dos fluxos ao longo do tempo e a forte presença numérica. Os Portugueses sempre estiveram presentes na população do território, em primeiro lugar como colonos, durante o império, e posteriormente como imigrantes. Esta presença é ilustrada através do significativo número de entradas de imigrantes portugueses: durante cada década do século XX e até 1980, representaram no mínimo 30% da entrada total de imigrantes (Tabel 1). Os dados do IBGE indicam que apenas os italianos ultrapassaram em número os portugueses durante breves períodos, em particular durante as últimas décadas do século XIX (quando foram recrutados para substituir a mão-de-obra escrava, especialmente nas roças de café). Os portugueses constituíram assim a comunidade imigrante mais significativa no Brasil ao longo do século XX.

Tabela 1: Brasil: entrada de imigrantes (1884-1984)

ANOS	TOTAL IMIGRANTES	IMIGRANTES PORTUGUESES	% IMIGRANTES PORTUGUESES
1884-1890	449 934	91 489	20,3
1891-1900	1 129 315	202 429	17,9
1901-1910	671 351	218 193	32,5
1911-1920	797 744	321 507	40,3
1921-1930	840 215	286 772	34,1
1931-1940	288 607	95 740	33,2
1941-1950	131 128	48 606	37,1
1951-1960	588 043	239 945	40,8
1961-1970	163 967	62 737	38,3
1971-1980	78 091	26 915	34,5
1971-1975	39 408	3 869	9,8
1976-1980	38 683	23 046	59,6
1981-1984	11 976	3 438	28,7
Total	**5 150 371**	**1 597 771**	**31,0**

Fonte: *IBGE, Anuários Estatísticos,* elaboração própria.

No sul do Brasil, a imigração portuguesa assumiu outras peculiaridades. Por um lado, os fluxos migratórios foram sempre muito menores que os dirigidos ao Rio de Janeiro, São Paulo ou as cidades do nordeste. Por outro lado, se o povoamento e ocupação do território da região sul, no período colonial, estiveram associados ao papel dos açorianos, a partir da independência a situação

alterou-se. Outras comunidades de imigrantes, tais como alemães, italianos, polacos e espanhóis, aí se estabeleceram e os portugueses se transformaram numa comunidade mais reduzida e, portanto, menos visível. A menor visibilidade e o certo esquecimento dos portugueses também estiveram associados, num certo momento, ao facto de serem menos apreciados que outros europeus, tendo sido objecto de algum confronto lusofóbico[8], e a própria língua que, não sendo um elemento de diferenciação como no caso dos outros imigrantes, fazia com que os portugueses passassem despercebidos facilmente.

O facto é que, nem mesmo a política de imigração brasileira, em geral restritiva, chegou a afectar a emigração portuguesa, bem antes pelo contrário: houve medidas que contribuíram para a consolidação da presença portuguesa no Brasil.

O Estado brasileiro orientou as suas políticas de imigração para o preenchimento de espaços vazios, o crescimento demográfico e o desenvolvimento agrário[9]. Foi logo após a abolição da escravatura (1888) que se deu o *boom* imigratório, com a crescente necessidade de mão-de-obra livre e barata. Chegavam europeus com expectativas de prosperidade e abundância, atraídos ainda por programas meticulosos de subsídios. "O objectivo explícito da política de imigração brasileira era a manutenção de uma oferta constante de mão-de-obra para manter os salários baixos"[10]. O apoio aos imigrantes incluía medidas como subsídio de transporte, contratos de trabalho e habitação gratuita.

Inicialmente aberta e sedutora, a política brasileira de imigração foi-se tornando progressivamente restritiva. De tal forma que alguns autores consideram mesmo que "nenhum outro país na época das migrações em massa e durante um período tão longo teve uma política de imigração tão detalhada e selectiva como o Brasil"[11].

As primeiras restrições, de carácter racial, surgiram logo em 1890, impregnadas pela ideologia do branqueamento prevalecente entre as elites que acreditavam na superioridade branca e no valor da raça ariana: fomentava-se a imigração europeia e proibia-se a entrada de "indígenas da Ásia ou África". Os "não brancos" não eram bem-vindos, ao contrário dos brancos que, por via da miscigenação, representavam a oportunidade de embranquecer uma população maioritariamente negra[12].

No princípio do século XX, surgiram novas restrições de carácter social e sanitário: estavam impedidos de entrar maiores de 60 anos, possíveis portadores de doenças contagiosas e inválidos (1907). Após a primeira guerra e, igualmente, após a revolução de 1930, num contexto de crise económica, as restrições surgiram para conter o desemprego: as empresas eram obrigadas a ter pelo menos 2/3 de brasileiros natos[13].

Em 1934, por reacção ao "perigo amarelo"[14] por parte da bancada antijaponesa, foi instituído o regime de quotas[15], segundo o qual a entrada anual de imigrantes de um determinado grupo não poderia ultrapassar 2% do total de imigrantes que tivessem entrado no Brasil no decorrer dos últimos cinquenta anos. As quotas afectaram todos os grupos imigrantes, incluindo os portugueses.

Durante o Estado Novo (1937-1944), Getúlio Vargas acrescentou ao regime de quotas uma outra restrição, de carácter profissional: eram preferidos agricultores ou técnicos de indústrias rurais (80% da quota obrigatória). Mas o que caracterizou de forma mais marcante a política de Vargas foi a "assimilação forçada" – assim a chamavam as próprias autoridades – um conjunto de medidas que, integradas numa política de nacionalização do ensino e de valorização da língua portuguesa, proibia os imigrantes falar as suas línguas natais, inclusivamente no espaço doméstico[16]. Foi no contexto de tensão cultural (que incluiu vagas de nacionalismo antilusitano) decorrente desta política que Gilberto Freyre partiu em defesa da cultura luso-brasileira e da figura caluniada do colonizador português, elogiando a capacidade portuguesa de convívio com a diversidade, fundamental à unidade de um país continental, e os valores tradicionais portugueses como o necessário lastro comum. A perspectiva luso-brasileira de Freyre tornar-se-ia matriz no Governo Vargas e, em 1939, os portugueses foram excluídos do regime de quotas pelo Conselho de Imigração e Colonização[17].

A esta medida seguiram-se outras que sustentariam a teoria de um modelo de nação de raiz lusitana[18] ou de uma "brasilidade concebida no sentido lusitano"[19]. Para Westphalen e Balhana, os portugueses, ao abrigo da política e legislação imigratórias, foram praticamente tornados cidadãos nacionais sem precisarem de abdicar da sua nacionalidade de origem (1993). De entre as várias medidas desde então implementadas, destacam-se as seguintes: em 1949 foi exigido apenas um ano de residência aos portugueses que quisessem naturalizar-se brasileiros; em 1950 foram-lhes concedidos vistos sem quaisquer restrições; em 1970 foi celebrado o Acordo de Previdência Social/Segurança Social com Portugal; em 1972 assinou-se a Convenção de Igualdade de Direitos e Deveres entre brasileiros e portugueses e, em 1988, foi permitido a todos os originários de países de língua portuguesa residir apenas um ano para se tornarem cidadãos brasileiros[20].

3. PORTUGUESES NO SUL DO BRASIL: PROPOSTA DE VAGAS E PERFIS

A nossa proposta de construção de perfis limita-se à segunda metade do século XX e baseia-se na distinção de três etapas da emigração para o Brasil. Porque se saía de Portugal?

Nos anos 1950-1960, os portugueses emigravam por razões de ordem económica e política, a maioria para escapar ao serviço militar (guerra colonial) ou à pobreza, em busca de oportunidades e um futuro melhor. O movimento era também impulsionado por razões sócio-culturais. Partir para o Brasil impregnava o imaginário e as práticas (regionais e familiares) daqueles portugueses, dando origem a redes e expectativas que se reproduziam (como exemplo o "tio do Brasil", figura mítica e real na maioria das famílias). Fazia parte do «campo de possibilidades»[21] dos portugueses emigrar para o Brasil.

Comecei a trabalhar ainda não tinha 7 anos de idade, como aprendiz de costureira, saí de lá praticamente já profissional. Nós tínhamos uma tia e vim para o Rio de Janeiro com 14 anos, em 1 de Março de 1950. Vim a chamado dessa minha tia, com o meu pai, que já estava aqui depois eu vim com a minha mãe e o meu irmão, que tinha 11 anos.

Arminda, Porto, saiu em 1950.

E nós, que é que começamos a ver na nossa aldeia? Que de três que iam para o exército, de três voltava um, havia um índice grande de mortes. E aí a minha mãe começou a lamentar que ia perder os filhos e o pai então optou por vir fazer contactos, nós já tinhamos contactos com familiares, tinhamos tios… e o pai resolveu vir em final de 59 para ver se havia possibilidades de se acomodar aqui, de se instalar aqui. Em 61 ele chamou-nos. Viemos todos.

José, Águeda, saiu em 1963.

Já na década de 1970, o fluxo é motivado por razões políticas. A ditadura militar brasileira abriu as portas às elites ameaçadas pela Revolução de Abril e, por outro lado, aos portugueses de África que vinham das ex-colónias. A língua, mas sobretudo as redes, pesaram na escolha do destino.

Um amigo disse: "não, venha para o Brasil, a mesma língua, os mesmos costumes, as mesmas tradições…" Eu tinha três rapazes, o menor de dois anos, que saiu de Angola com seis meses, o mais velho com sete anos. "Vão lá para a escola, a língua é a mesma". Na verdade segui o conselho e vim para o Brasil. Cheguei aqui em Junho 1976.

José, Castro Verde / Angola, chega ao Brasil em 1976.

Nós tínhamos umas pessoas amigas de Angola que iam sair também naquela altura e que conheciam umas pessoas aqui em Lagoa Vermelha, no sul. Na realidade a nossa primeira opção era ir para Lagoa Vermelha. Mas como essas pessoas saíram de Angola e foram para Portugal e chegaram depois de nós, pronto, nós chegámos cá e não conhecíamos as pessoas que eles conheciam em Lagoa Vermelha.

Maria João, Angola, chega ao Brasil em 1975.

Desde 1990, os portugueses que escolhem ir para o Brasil fazem-no por diversos motivos: como quadros de empresas, pelas diferenças cambiais que geram expectativas de qualidade de vida (reforma, compra de imóvel, oportunidades de negócio) ou por razões psico-emocionais (crescimento pessoal, estilo de vida alternativo, afectos, etc.).

Eu vim sozinho. Nunca cheguei a estar casado, vivia junto com uma mulher, durante quinze anos ou dezasseis, mas foi um namoro meio atribulado, fica… não fica…, vai… não vai…, ficava um ano, ficava dois anos sem ir… Uma coisa assim meio complicada. Depois em relação ao futuro de vida, decidi que não seria esse o meu caminho, não era essa a minha vontade, não

queria ter o tipo de vida que toda a gente tem, casar, ter filhos… Não sou muito assim, sou um pouco mais libertino, então tudo se juntou à parte do calor, que sempre foi uma das coisas que eu gostei no Brasil. Saí de Portugal um pouco por isso, porque sentimentalmente não estava bem, o frio complicava-me muito a vida, então vim para um país de calor (…). Como eu trouxe algum dinheiro de Portugal, a minha ideia seria, aqui, deixar de ser corretor ou mediador para ser investidor, poder comprar, vender, comprar, vender… Poderia ter feito uma pousada, não fiz porque não gostei do lugar, mas a ideia seria fazer alguma coisa.

José, Vila Nova de Gaia, chega ao Brasil em 2001.

"Achava que Florianópolis era tipo Sagres em ponto gigante, toda esta zona aqui, o resto era muito grande, tinha praias para fazer surf, o espírito era todo voltado para o surf, para a natureza e para as trilhas (?), e era um bocado o mito da ilha". Em relação à profissão, *"podia crescer um pouco mais, se bem que não ia ganhar tanto dinheiro mas ia produzir mais arquitectura, o volume de trabalho aqui é maior; podia estar a fazer coisas minhas e ver coisas minhas que estavam a ser feitas, não é só no papel, também via elas crescerem" (…)* Mas, *"a razão principal é que, com o dinheiro que eu ganho aqui, mesmo que seja pouco, posso-me permitir pagar muito melhores coisas e viver numa qualidade de vida muito melhor do que se eu viver em Lisboa"*.

José, Lisboa, chega ao Brasil em 2004.

3.1. Perfil Vaga 1950-1960

- Solidariedade étnica inicial (redes).
- Dedicados ao comércio: padaria, bares, restaurantes, cafés, armazéns (secos e molhados), frutarias, etc. Presença nos mercados públicos.
- Alguns dedicados à produção hortícola.
- Percurso e distribuição do pão.

Estes portugueses que chegaram até fim dos anos de 1960 dedicaram-se basicamente ao comércio: retalho (no mercado público), donos de padarias, confeitarias, bares, cafés, "lanchonetes" e restaurantes. A maioria apresenta um percurso semelhante, em torno da distribuição ou reparto do pão, o que com tempo lhes permitiria poupar e comprar parte de um negócio (padaria, bar, etc.). Muitos deles conseguiram abrir quase mini-cadeias de bares, "lanchonetes" ou lojas (dentro dos colégios, das universidades, do mercado público, etc.). Em muitos casos, os negócios eram familiares e os portugueses souberam descobrir nichos de mercado. Em geral, ajudavam-se mutuamente.

História: José (além de comerciante também foi juiz e é hoje advogado) contou como o pai trabalhou, desde que chegou, em padarias, panificadoras e comércio de confeitaria. Aos poucos melhoraram a situação e assim abriram um restaurante e uma lanchonete. Dividiam o trabalho e a gestão dos estabele-

cimentos entre os irmãos. Encontraram nichos do mercado, por exemplo, abriram um posto de atendimento, que funcionava 24 horas, na Companhia Riograndense de Comunicações, onde as telefonistas trabalhavam 24 horas. Também abriram outras lancharias dentro das faculdades, etc. Nada foi sem esforço. Ele estudou à noite e assim fez o curso, que mais tarde lhe permitiu mudar de vida, quando já estava cansado dos negócios e dos problemas que traziam. Decidiu fazer concurso até entrar na Magistratura. Hoje é reformado como Juiz Classista e tem o seu próprio gabinete como jurista. Para além de ser dirigente sindical dos juízes, foi também presidente da Casa de Portugal. Mesmo que cansado dos negócios familiares, às vezes ainda colabora com a família. Recorda que a sua própria experiência laboral começou em tenra idade ainda em Portugal. Com 11 anos trabalhava na lavoura e perdeu parte de um calcanhar por causa de uma pisadela de uma vaca, o que nunca esqueceu.

Identidades: Por terem chegado ainda crianças ou adolescentes revelam um sentimento de pertença ao Brasil inequívoco, reforçado pelas socializações primitivas no destino (escola, amigos, etc.). Guardam memórias difíceis de Portugal, lamentam a infância que perderam a trabalhar a terra ou a trabalhar no comércio, com o pai, já no Brasil.

> *Eu me recordo, fiz 59 agora há 15 dias atrás, e eu nunca me recordo da infância. Recordo-me de começar a trabalhar, de me levantar às quatro e meia da manhã, caminhar dois três quarteirões para pegar o ônibus para ir trabalhar... quer dizer, Inverno, Verão... então é isso que eu recordo (…) você tem que ter assim uma fase, a criança tem a fase de crescimento, brincadeira e estudo e eu não tive. Fui directo, de pequenino, para o serviço directo. Então, eu hoje, para você ter uma ideia, eu tenho colecções de carrinhos pequenos em casa. Para você ter uma ideia, a primeira coisa que eu comprei quando eu casei foi uma bicicleta porque eu tinha um sonho com a bicicleta e nunca a tive!*
> António, Águeda, 1952.

> *Eu sempre disse que eu sou o lisboeta mais gaúcho do mundo, e o gaúcho mais alfacinha de todo o universo. É verdade. Albergo no meu coração esse amor a esses dois países. Sou luso-brasileiro e esse é o drama de muitos lusos brasileiros, é estar aqui com saudades de Portugal e chegar a Portugal ficar com saudades do Brasil. Esse é o drama do luso-brasileiro.*
> Edgardo, Lisboa, 1951.

> *Sou portuguesa de nascença, sou brasileira de coração, ou vice-versa, porque não sei quem manda mais.*
> Arminda, Porto, 1950.

3.2. Perfil Vaga 1970

- Quem chega?
  – Exilados do 25 de Abril
  – "Retornados" de Portugal
  – Portugueses das ex-colónias
- Solidariedade étnica inicial
- Imigração qualificada
- Sem percurso ou perfil definido. No início foi a sobrevivência, desajuste profissional
- Diversidade de profissões desenvolvidas
- Ligação a Portugal e a África, ressentimento com governo português.

O apoio das redes de solidariedade portuguesas, a formação superior e a experiência profissional que traziam da origem contribuíram para a inserção mais ampla e diversificada no mercado de trabalho local, em sectores como empresas, bancos, etc.

História: José (Castro Verde/Angola) tinha-se dedicado à educação em Angola. Economista de formação, trabalhou na mesma empresa (ramo dos seguros) desde que chegou até se reformar (num cargo de liderança). Fez uma boa carreira profissional.

Identidades: Sobretudo os que vieram de África apresentam identidades com múltiplas ancoragens – Portugal, Brasil, Angola – e que pendem para Portugal, quando há laços familiares; para o Brasil, pelo acolhimento; ou para o país que deixaram e de que guardam memórias. Neste grupo nota-se um certo ressentimento em relação ao governo português: mágoas do processo de descolonização, o património erguido e subitamente perdido, o rótulo de "retornado" sobre os que voltaram a Portugal, o não reconhecimento de direitos como a reforma, o "abandono" ao longo do tempo.

> *Eu realmente consigo sentir, tanto em Angola como em Portugal, que eu estou em casa. E no Brasil, apesar de estar há mais anos, estou há trinta anos, mais do que estive em Angola, eu não consigo sentir-me... como é que eu vou dizer? Enraizada como se fosse a minha terra, não consigo sentir o Brasil deste jeito. (…). No fundo, no fundo, eu consigo dissociar uma Angola que era uma Angola portuguesa da Angola que é hoje, mas no meu coração é a minha Angola portuguesa. Então, … na realidade eu sou uma angolana portuguesa.*
> Maria João, Angola, 1975.

> *Tinha a minha vida organizada lá, pensava em ficar, não tinha nascido em Angola mas considerava-me angolano, a minha esposa também tinha ido para lá de pequena. Hoje sentimos saudades de Angola, que tivemos de abandonar por força das circunstâncias. Viemos para Portugal na situação de "retorna-*

dos", epíteto vexatório, que sempre nos marcou… e ficámos ali à míngua, vivendo com o auxílio de familiares porque o governo português ignorou-nos (…). Mas eu já não me sinto português! Eu estou enraizado no Brasil e eu sou mais brasileiro que português porque aqui a nossa pátria, a nossa terra, é onde nós estamos, onde nos relacionamos socialmente, onde trabalhamos, onde ganhamos o pão de cada dia, e eu, apesar de não ser natural daqui, depois do tempo de serviço consegui a minha aposentadoria! E no meu país eu não consigo porque a previdência portuguesa me nega esse sagrado direito de me aposentar, tendo eu, através do organismo de Educação competente, conseguido a contagem do tempo exercido!

José, Castro Verde / Angola, 1976.

3.3. Perfil Entre Séculos (desde 1990)

- Contexto da globalização (fluidez)
- Diversidade de motivações:
  - Amor/pessoal
  - Futuro profissional, saturação do mercado português
  - Oportunidades de negócios
  - Expatriados (quadros de empresas portuguesas)
  - Atributos valorizados do Sul por contraste a outras regiões do Brasil (qualidade de vida), SC mais atraente que RS.

Em relação aos que chegaram mais recentemente, entre séculos, a sua inserção tem sido tão diversificada como as motivações específicas que os levaram a empreender esta experiência: amor, aventura, falta de oportunidades em Portugal. Em todos os casos, se bem que a inserção seja muito diversificada, a experiência é reconhecida por eles e elas como de sucesso, especialmente considerando que os objectivos que têm conseguido atingir no Brasil não são atingíveis em Portugal. Para eles, o Brasil é a terra de oportunidades, sendo um paradoxo hoje em dia, quando são os brasileiros que emigram para Portugal na busca de outro futuro.

História: José (jovem arquitecto que estudou em Portugal, Bélgica e França, e emigrou há dois anos) trabalhava num dos estúdios de arquitectura mais reconhecidos de Portugal. Trocou Lisboa por Florianópolis, onde tem conseguido mais independência profissional e onde é possível desenvolver a criatividade e originalidade, "crescer" profissionalmente e praticar surf, num estilo de vida que conjuga natureza e trabalho.

Identidades: Sentem-se portugueses, sem sintomas maiores de divisão entre um mundo e o outro.

Eu sinto-me mais português. Acho que vou ser sempre português. Tenho que me adaptar a certas situações brasileiras, mas sempre português, até

porque escolhi aqui, optei por morar aqui e tenho que me adaptar a essas situações, senão vou ficar excluído, mas vou ser sempre português, sempre!
Artur, Almada, 1993.

4. AS REDES E O DESTINO

A imigração de portugueses para o sul do Brasil foi uma imigração de redes. Estas redes, baseadas na família, em amizades ou laços com as comunidades de origem, prestaram um apoio valioso aos recém-chegados. Dependendo do ano de chegada – no caso do Sul de Brasil distinguimos acima 3 períodos ou momentos diferentes – a rede facilitava a migração sobretudo através da carta de chamada. A carta de chamada era facultada por um familiar ou conhecido, sendo que quando os próprios emigrantes não podiam facultá-la, utilizavam as suas próprias redes e contactos para o fazerem. No início da experiência migratória, as redes eram fundamentais porque assistiam os imigrantes no momento da chegada, facilitando sobretudo informação, um lugar para ficar e emprego. No entanto, podiam também tornar-se restritivas ou uma barreira na promoção do imigrante. As histórias que se seguem ilustram diferentes situações:

Edgar (Lisboeta, 83 anos, chegou ao Brasil em 1951 mais à aventura do que outra coisa) confessou: "as cartas de chamada eram o documento sine qua non para migrar. As cartas eram falsas. Eram falsas. Não quero dizer o termo falsas mas eram artificiais, digamos assim. Um primo arranjava algum comerciante conhecido que assegurava que lhe dava emprego mas nunca mais queria saber da pessoa. Aquilo era só para poder adquirir o passaporte de emigrante para o Brasil." No caso do Edgar, a carta foi facilitada por um tio que morava no Rio de Janeiro.

O caso do José (de Pedações, Águeda, emigrou em 1963 com 14 anos) é diferente. Ele precisou de carta de chamada devido à idade e também porque era candidato ao serviço militar. Com 14 anos já podia trabalhar e precisava de carta. A situação era diferente da dos irmãos que com ele viajaram, que eram mais novos e foram registados no passaporte da mãe. Para além do pai, que já tinha emigrado uns anos antes, outros membros da família já moravam em Porto Alegre, a irmã da mãe e dois cunhados da mãe.

Nestes casos, a carta de chamada foi facultada por familiares ou amigos, maioritariamente da terra. Quando a carta de chamada deixou de ser o instrumento legal necessário, outros imigrantes viajaram com salvo-conduto, como foi o caso dos oriundos ou chegados directamente de África, ou com vistos de turistas que com o tempo se transformaram em vistos de residência.

Maria João (portuguesa natural de Angola, emigrou em 1975) saiu na última coluna militar portuguesa que os acompanhou à África do Sul, onde

tinham redes familiares (tios) que ajudaram a obter os documentos legais para emigrar para o Brasil. Decidiram emigrar para o estado de Rio Grande do Sul porque para lá também iriam uns portugueses amigos de Angola. Como eles viajaram antes da data prevista, e os amigos estavam em Portugal, ao chegarem a Porto Alegre não conheciam ninguém. Dirigiram-se ao consulado português que os aconselhou a ir à Casa de Portugal, onde receberam ajuda. No caso da família de Maria João as redes eram pouco concretas, quase imaginárias, mas a solidariedade étnica dos portugueses ajudou a que em pouco tempo eles criassem novas redes.

Embora em geral as redes tenham sido um elemento de integração dos imigrantes, há casos que ilustram o contrário, como o de Arminda cuja vida só melhorou quando deixou de trabalhar com o pai:

Arminda (Porto, emigrou em 1950 com 15 anos) tinha alguma aptidão para a costura, pelo que às vezes conseguia obter algum dinheiro extra. No entanto, teve que trabalhar na padaria do pai onde nem sempre havia dinheiro para pagar aos empregados ou para outros gastos. Arminda trabalhava sem receber um ordenado. Pelo contrário, como ela sempre tinha uns trocos da costura, o pai até lhe pedia para completar as contas dizendo que algum dia a padaria seria sua. Para ela, uma jovem, era muito frustrante. Lembra-se de ter perdido uma grande festa porque emprestou ao pai o dinheiro que tinha poupado para comprar os sapatos com que iria à festa.

5. CONCLUSÕES

Procurámos dar visibilidade à imigração portuguesa no Sul do Brasil, apagada perante outras imigrações e nos próprios estudos de imigração. Salientámos particularidades ao extremo da generalização, sistematizando o que descobrimos em campo (exercício que ao mesmo tempo permitiu compreender e desconstruir estereótipos, como o do português "padeiro e comerciante", correspondente ao primeiro período considerado, entre 1950 e 1960).

Destacamos, em resumo, o que adquire maior relevo nesta imigração: o peso do capital social na inserção no destino (evidente nos imigrantes mais recentes e mais qualificados), o factor "modernidade", cuja velocidade simbólica propicia a busca reflexiva por alternativas e estilos de vida e, fundamental, a importância das redes na decisão pelo destino e na etapa inicial do ciclo migratório. O tipo de sociabilidades desenvolvido – para fora da comunidade, em múltiplas direcções – confirma-se como elemento facilitador de integração[22]. Se no início se relacionavam mais com outros portugueses, foram-se expandindo, com o tempo, para fora da comunidade. A maioria casou com brasileiros e brasileiras. Neste sentido, os portugueses não foram endogâmicos, quer ao nível da interacção social quer ao nível do casamento. Isto permite perceber também porque, apesar das memórias e saudades de Portugal, muitos deles se sentem mais brasileiros que portugueses.

Os objectos por cima da cómoda (da casa de uma entrevistada em Porto Alegre), alusivos a Portugal, representam a hibridez e o convívio com outras realidades

Consideramos que os portugueses estão bem integrados no sul do Brasil, embora por vezes, quando comparados com os italianos ou alemães, apareçam numa posição inferiorizada, como revela o testemunho do senhor Edgar, para quem os portugueses representam "uma etnia pequena e pobre. Pobre no sentido de grandes riquezas, quer dizer, não somos pobres no sentido de indigência. Somos pobres no sentido relativo".

Finalmente, uma breve nota sobre a relação com o governo português, marcada por sentimentos de ressentimento ou abandono e que merecerá, da nossa parte, posterior desenvolvimento analítico.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Manuela (1970), *Política de Emigração e Comunidades Portuguesas*, Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

ANTUNES, M. L. Marinho (1970), "Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários". *Análise Social*, n.º 30-31.

BAGANHA, Maria Ioannis (2000), "La emigración portuguesa después de la Segunda Guerra Mundial", in ed. António Costa Pinto, *Portugal Contemporâneo*, Madrid: Sequitur.

BAGANHA, Maria Ioannis B. (1994), "As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional". *Análise Social*, n.º 128.

FIORI, Neide (2006), "Imigração portuguesa e nacionalismo cultural brasileiro: o 'regime de cotas' de imigrantes", in *II Congresso Internacional sobre A Imigração em Portugal e na União Européia*, Angra do Heroísmo (Açores).

GARCIA, José Luís (2000), *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados. Dois estudos introdutórios*, Oeiras: Celta.

HAHNER, June (1976), "Jacobinos versus Galegos: Urban Radicals versus Portuguese".

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (vários anos) – *Anuário Estadístico*.

Immigrants in Rio de Janeiro in the 1890s." *Journal of Interamerican Studies and World* Affairs, vol 18, n.º 2.

Junta Nacional da Emigração (vários anos) – *Boletim Anual*.

KLEIN, Herbert (1991), "The Social and Economic Integration of Portuguese Immigrants in Brazil in the late Nineteenth and Twentieth Century". *Journal of Latin America*, vol. 23, n.º 2.

KUHN, Fábio (2002), *Breve história do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Leitura XXI.

LAYTANO, Dante de (1958), "Os Portugueses", in Enciclopédia Rio-Grandense, vol. 5, Imigração, Ed. Regional Lda., Canoas, RGS.

MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras: Celta.

PADILLA, Beatriz (2004), "A imigração invisível. Presença portuguesa no Rio da Plata", in *Colóquio Internacional sobre Território e Povoamento*, Instituto Camões, Colónia de Sacramento (Uruguai).

SÁNCHEZ-ALONSO, Blanca (2005), "Políticas de imigração na América Latina", in ed. António Barreto, *Globalização e Migrações*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (1984), *Tempos de Capanema*, Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas (2004), Información disponible en www.secomunidades.pt. Acesso em Setembro.

SKIDMORE, Thomas (1994), "Criadores de mitos: os arquitetos da identidade nacional brasileira", in Thomas Skidmore, *O Brasil visto de fora*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VELHO, Gilberto (2002), "Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira", in *Individualismo e Cultura, Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WESRPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti (1993), "Política e legislação imigratórias brasileiras e a imigração portuguesa", in Maria Beatriz Nizza da Silva, Maria Ioannis Baganha, Maria José Maranhão e Miriam Halpern Pereira, *Emigração/Imigração em Portugal. Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Fragmentos.

NOTAS

1 Equipa integrada por Helena Carreiras, Andrés Malamud, Beatriz Padilla, Maria Xavier Villas Bôas e Diego Bússola, com assistência de Fátima Carreiras.

2 O projecto referido incidiu nos dois estados mais a sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

3 Indicava também que, dos 700 000 portugueses residentes no Brasil, 210 000 nasceram em Portugal. A nível regional, segundo os responsáveis consulares, 800 estavam no estado de Santa Catarina (400 na capital, Florianópolis) e 2 500 no estado do Rio Grande do Sul (em 2005). Recuando no tempo, em 1912 chegaram 373, número mais alto de portugueses a chegar ao Rio Grande do Sul. E, entre 1941 e 1946, dos 9 073 que chegaram ao Brasil, apenas 19 se dirigiram para o Rio Grande do Sul (LAYTANO, 1958: 126).

4 PADILLA, 2004.

5 SKIDMORE, 1994; FIORI, 2006 e Hahner, 1976.

6 KLEIN, 1991.

7 VELHO, 2002.

8 HAHNER, 1976.

9 WESTPHALEN e BALHANA, 1993.

10 SÁNCHEZ-ALONSO, 2005: 109.

11 SÁNCHEZ-ALONSO, 2005: 106.

12 FIORI, 2006.

13 WESTPHALEN e BALHANA, 1993.

14 Segundo Fiori, no ano de 1934 eram cerca de 175 000 os japoneses e seus descendentes a viver no Brasil.

15 Artigo 121.º da Constituição Brasileira de 1934.
16 FIORI, 2006.
17 FIORI, 2006.
18 FIORI, 2006.
19 SCHWARTZMAN et al, 1984.
20 WESTPHALEN e BALHANA, 1993.
21 VELHO, 2002.
22 MACHADO, 2002.